

Prova Escrita de Português
12.º Ano de Escolaridade
Prova 639 / 2.ª Fase / Versão 1

GRUPO I

Parte A

1. O sujeito poético assume a atitude de um rei que abdica do seu trono, abandonando as suas funções como guerreiro (numa luta que representa metaforicamente a própria vida) e como líder. Esta renúncia fica marcada pelo abandono de símbolos que apontam para estes papéis (o trono, a espada, o cetro, a coroa, a cota de malha e as esporas). A sua abdicação corresponde a uma desistência do sonho e da vida ambicionada por um sujeito, que, sentindo-se vencido pelo cansaço e pelo vazio, prefere entregar-se à noite, ou seja, à morte.
2. Os dois últimos versos do poema correspondem à concretização do pedido dirigido à noite: «Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços / E chama-me teu filho» (vv. 1 e 2). Assumindo uma relação mãe-filho, o sujeito poético pede à noite, metáfora da morte, que o acolha, consolando-o. Nos últimos versos, o sujeito poético afirma ter regressado à «noite antiga e calma» (v. 14), o que lhe permitiu reencontrar a paz, por abdicar de uma vida fútil e inútil.
3. B e D.

Parte B

4. Por um lado, o Santo Peixe de Tobias possuía poderes curativos, traço que também é atribuído à palavra de Santo António, que com o seu discurso tinha o poder de curar a cegueira humana, ao «alumiar e curar as vossas cegueiras, e [...] lançar-vos os Demónios fora de casa» (ll. 7 e 8). Por outro lado, tanto os hereges, que Santo António procurava converter, como os moradores do Maranhão, a quem se dirigia Padre António Vieira, tinham medo e perseguiam quem os procurava salvar.
5. Padre António Vieira evidencia um sentimento de decepção no final do excerto, que se deve ao facto de os moradores do Maranhão não reconhecerem a capacidade que o seu discurso tem de os curar da cegueira, um poder em tudo semelhante ao do das palavras de Santo António. Por essa razão, Vieira exorta o seu auditório a ouvi-lo, recorrendo à apostrofe e ao modo imperativo. O uso da ironia, por meio da qual reitera que se dirige aos peixes e não aos homens, serve a intenção de reforçar a crítica aos moradores do Maranhão e, indiretamente, de procurar levá-los a ouvir o sermão e a deixar-se converter.
6. B

Parte C

7. Em *Os Maias*, Eça de Queirós adota um olhar crítico sobre a sociedade do seu tempo, procurando expor muitos dos problemas que caracterizam em particular a classe poderosa e influente, que controla os destinos do país.

Entre os variados aspetos presentes com particular relevo na crónica de costumes da obra, podemos, por um lado, destacar o tema da educação. Por meio do confronto da educação de Eusebiozinho com a de Carlos da Maia, o narrador evidencia os valores seguidos e demonstra, de forma analítica, como a educação tradicional portuguesa forma indivíduos fracos, acríticos e sem capacidade de produzir ou dirigir os destinos da nação ou mesmo a própria vida. Este fracasso está presente também na fragilidade de Pedro, que resultou no seu suicídio.

Por outro lado, *Os Maias* centram-se também na crítica à imitação acéfala de tudo o que vem do estrangeiro, que se prefere face ao que é nacional, sentido como menos «chique» e elegante. Este eixo da crítica está presente, por exemplo, no episódio das corridas no hipódromo, no qual os portugueses são caricaturados como não sabendo sequer produzir uma imitação de qualidade, ao criarem um espaço com tribunas improvisadas, onde se vive um ambiente similar ao de um arraial e no qual os participantes não sabem como se comportar ou sequer como se vestir.

Os Maias são, deste modo, uma obra que persegue, entre outros, o objetivo de traçar um retrato cru e realista de uma sociedade marcada por um conjunto de «podres», que, aos olhos de Eça de Queirós, poderão comprometer o próprio futuro do país.

GRUPO II

1. B
2. D
3. C
4. B
5. D
6. C
7. A

GRUPO III

A imagem apresentada é constituída por uma árvore, provavelmente de grande porte, atendendo à dimensão do seu tronco, na qual se abrem as páginas de um livro, que aparenta ser um atlas mundial por incluir mapas de diferentes regiões e no interior do qual surge a ilustração de um barco no mar perto da costa.

Trata-se de uma imagem plena de significados e muito rica do ponto de vista da mensagem que veicula, a qual assenta no contraste entre a imobilidade da árvore, presa pelas suas raízes à terra, e o facto de ela dar a madeira que permite a construção de embarcações que abrem caminho à descoberta do mundo. Um elemento que se destaca na construção destas ideias está relacionado com o uso intencional do contraste entre as cores: os tons terrosos do castanho e do verde da árvore contrastam com os tons de azul da imagem de tema marítimo que está no centro da árvore, quase como se este tivesse dentro de si, em potencia, a cor azul. Esta conjugação cromática permite trabalhar de forma interessante a conjugação das ideias de mobilidade e imobilidade. Por fim, a associação do livro à própria árvore, para além de evocar o facto de o papel ter a sua origem na madeira, aponta, de forma criativa, para a descoberta do conhecimento do nosso mundo, que foi possibilitada pela madeira, que, com o seu produto, permitiu as «naus a haver», como descrevia Pessoa em Mensagem.

Em síntese, a imagem apresentada constrói de forma simples, mas muito rica, todo um conjunto de ideias que abrem espaço a uma mensagem ligada ao sonho, à descoberta e à conquista.

(273 palavras)